

O PSICOPEDAGOGO E AS INTERVENÇÕES NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEMWaldirene Escrimin de Miranda¹Cilmar Tadeu Silva²**RESUMO**

O referido artigo tem como objetivo geral apresentar uma discussão em relação às dificuldades de aprendizagem, tal como a importância do psicopedagogo e suas intervenções para estabelecer diretrizes para solução dessas dificuldades. Nasce no ambiente pedagógico a reflexão de que a instituição escolar tem a prática primordial de reconstrução, a função e a figura do educando, possibilitando-lhe ser o construtor e o protagonista do seu próprio conhecimento. Levar o educando a refletir e procurar conhecimentos para o seu desenvolvimento educacional, pessoal e cultural é uma das habilidades básicas da educação. Neste contexto, o psicopedagogo, como um profissional competente, está habilitado para trabalhar na área da educação, assistindo o professor e outros profissionais da escola para melhorar as condições do processo de ensino e aprendizagem, bem como para prevenir os problemas de aprendizagem. Através de procedimentos particulares, o psicopedagogo auxilia em uma intervenção psicopedagógica visando a solução de problemas de aprendizagem em ambientes escolares. Junto à equipe escolar, está motivado na edificação de um ambiente correto às condições de aprendizagem de maneira a impedir comprometimentos. Escolhe a metodologia e a maneira de intervenção com a ideia de facilitar e/ou desbloquear tal processo.

Palavras-chave: Psicopedagogo. Dificuldades de aprendizagem. Aluno

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a Psicopedagogia existe há aproximadamente 40 anos, vem despertando a atenção de professores e demais profissionais que trabalham com o processo de ensino e aprendizagem, ou que possui contato com indivíduos que possuam dificuldades de aprendizagem.

Levando em consideração que a escola é responsável por grande fragmento da formação do ser humano, o trabalho psicopedagógico na escola tem comportamento preventivo na intenção de tentar construir competências e habilidades para a solução dos problemas com este objetivo e tem consequência do amplo número de alunos com dificuldades de aprendizagem e de outros conflitos que incluem a família e a escola, intervenção psicopedagógica obtêm, nos dias atuais, cada vez mais espaço nas escolas.

¹ Aluna do Curso de Psicopedagogia Clínica (Instituto Superior do Litoral do Paraná)

² Professor Orientador Pós-Graduação (Instituto Superior do Litoral do Paraná)

Este trabalho nasceu da preocupação que existe frente às dificuldades dos educandos em que se faz formar seus próprios conhecimentos através de incentivos, tem diretamente o objetivo de fazer uma abordagem sobre a educação e relevância do psicopedagogo ante a escola e as intervenções nas dificuldades para aprender.

Avalia-se o prisma psicopedagógico da dificuldade de aprendizagem em crianças com algum déficit de atenção atinge os processos de desenvolvimento e os caminhos da aprendizagem, compreende-se o educando de forma interdisciplinar, procura-se apoio em diversos campos do conhecimento e estuda-se a aprendizagem no contexto escolar, familiar e na concepção intelectual, afetiva e biológica.

Ao se considerar a aprendizagem fundamentada nos pilares intelectuais e das emoções faz-se uso dos sentimentos envolvidos na interação professor/aluno e com o processo de ensino é concretizado em conformidade dessa interação. Se o educador não tiver preocupação com a aprendizagem do educando, este no final do ano, não terá uma situação satisfatória. Falar da relação professor - aluno é falar de interações humanas, é falar de alegria e da angústia do outro e até da falta de vontade dos alunos e suas respectivas dificuldades. Cada um possui uma história diferente, uma linguagem diferenciada, uma maneira diferente, um estímulo diferente, esses componentes foram formados pelas múltiplas interações da realidade.

Na interação educativa, no interior das práticas pedagógicas, ele é o sujeito que procura uma nova definição em termos de grau crítico da cultura elaborada. Isto é, um ser humano que procura absorver um novo grau de conhecimentos, capacidades e forma de agir. Porém, o próprio discente não possui esta visão e diversas vezes se angústia dentro da instituição escolar porque ao se chegar ali leva de casa o autoconhecimento e autoestima mediante as relações que desempenha com os pais ou pessoas de seu convívio habitual. O professor, dentro de sala, não pode dismantelar essa relação.

O aluno não pode ser compreendido, puro e simplesmente, como composição a ser informada, mas sim, como indivíduo, eficaz em construir a si mesmo, desempenhando seus sentidos, compreensão e inteligências, a educação escolar não pode cobrar um corte com a condição que existe sem preencher seus elementos. Existe uma continuação dos elementos passados e, ao mesmo tempo uma ruptura, construindo o novo. O que o educando traz do seio familiar e social não precisa ser eliminado bruscamente, mas sim, incluindo às novas descobertas da instituição.

Quando uma criança aprende um novo modo de executar uma brincadeira, um modo de ser, não suprime o modo anterior, ao contrário, incorpora o modo anterior ao novo modo de execução. É o novo que nasce do velho, incorporando-o por superação (LUCKESI, 1994, p. 118).

Desta forma, as relações entre docentes e discentes, as maneiras de comunicação, as características afetivas e emocionais, a ação das manifestações na sala de aula, de acordo com Libâneo (1998), estão presentes nas condições organizativas do trabalho do professor, juntamente com as características intelectuais e sócio emocionais da relação entre professor e aluno. Isso quer dizer que o trabalho do professor se caracteriza não apenas pela prática pedagógica e científica do educador e de toda a equipe da instituição escolar, mas também, pelo continuo vaivém entre as atividades cognoscitivas postas pelo educador e o grau de preparo dos educandos para resolverem as atividades.

A relevância do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem começa a configura-se quando se ganha consciência das dificuldades dos educandos e cuida-se em expor os objetivos, as temáticas de estudos e as tarefas numa maneira de comunicação nítida e compreensível, ligadamente ao professor e na instituição escolar, de forma integral. As maneiras corretas de comunicação concorrem de forma positiva para a relação professor-aluno e outros que estão presentes no contexto escolar.

Cada educando tem uma história diferenciada, uma necessidade diferente, uma perspectiva diversificada quando se socializa com o outro, até com o professor. Por sua vez, o educador dentro de sala de aula não enxerga o aluno com o mesmo olhar que outro educador vê.

Neste contexto, o que mais se considera é a condição social do educando e não a sua faixa etária, conhecer também o grau de conhecimento dos educandos, ter um bom plano de aula, compreende-se como sendo um bom plano de aula aquele que possui objetivos nítidos e métodos de ensino eficazes de ser postas em prática conforme com a habilidade dos educandos e os recursos de sala de aula existentes na escola, explicar aos educandos o que se espera deles com relação o entendimento da matéria.

Outras características essenciais são os sócios emocionais. Estes fazem referência às relações afetivas entre o professor e o aluno, como também às formas e exigências objetivas que dominam o comportamento dos educandos na aula.

2. AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Segundo Grigorenko e Tememberg (2003)

Dificuldade de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos. (GRIGORENKO; TERNEMBERG, 2003, p.29)

Quando a criança começa a ler, grande parte dos educandos pende a enxergar as palavras como imagens, com uma maneira privada ou um modelo. Eles tendem a não entender que uma palavra é formada de letras utilizadas em combinações particulares, que fazem correspondência ao som falado. É importante que os educandos sejam ensinados e aprendam a arte simples de decodificação e de soletração desde o começo.

A prática de escrever necessita também por parte da criança de uma prática de estudos deliberada. Quando a mesma fala, ela tem ciência das operações mentais que exerce. Quando escreve, ela precisa tomar ciência da estrutura sonora de cada palavra, tem que analisa-la e produzi-la em linguagem alfabética que devem ser memorizadas e estudadas antecipadamente.

De acordo com Smityh; Strick (2001, p. 14) as dificuldades de aprendizagens vem a ser “... problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações”. Um todo, visando simplificar o processo de aprendizagem. O ser sob a ótica da Psicopedagogia é intelectual, social e afetivo. É envolvido com a formação de sua liberdade, que se determina na interação com o seu “em torno”, conforme se compromete com o seu convívio social criando redes relacionais.

A dificuldade de aprendizagem nessa concepção é compreendida e trabalhada com um intermediário dificultador para a edificação do aprendiz que é um ser biológico, pensante, que possui uma história, vontades e um acordo político-social. “A Psicopedagogia tem como meta compreender a complexidade dos múltiplos fatores envolvidos nesse processo” (RUBINSTEIN, 1996, p. 127).

Nem sempre a Psicopedagogia foi entendida de maneira como aqui esta definida. A Psicopedagogia, primeiramente, iniciou buscando como hipótese que os indivíduos que não aprendiam possuíam um distúrbio qualquer. Bossa (2002) afirma que

A preocupação e os profissionais que atendiam essas pessoas eram os médicos, em primeira instância e, em seguida Psicólogos e Pedagogos que pudessem diagnosticar os déficits. Os fatores orgânicos eram responsabilizados pelas dificuldades de aprendizagem na chamada época “patologizante”. A criança ficava rotulada e a

escola e o sistema a que ele pertencia, se eximiam de suas responsabilidades: Ela (a criança) tem problemas. (BOSSA, 2002, p. 42)

3. PSICOPEDAGOGIA E APRENDIZAGEM

A pesquisa psicopedagógica alcança integralmente seus objetivos, quando aumenta o entendimento sobre os aspectos e necessidades de aprendizagem daquele educando, abre espaço para que a instituição escolar proporcione recursos para atender as necessidades de aprendizagem. Assim, de acordo com Dantas (1992) o fazer pedagógico se renova, vindo a ser um instrumento poderoso no projeto terapêutico. Porém, transformações vêm acontecendo, principalmente nos últimos anos. Dar conta da diversidade, do diferente, ajuda o aprender coletivo, a riqueza da permuta, o aprender com o outro. O professor deixa de ser somente o difusor do saber e vive o fazer pedagógico como o ambiente para o incentivo a aprendizagem.

A Psicopedagogia, de acordo com Araújo (2004) estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, possuindo então um comportamento, de caráter preventivo e terapêutico. Na devida ordem precisa trabalhar não só no campo escolar, mas buscar a família e a comunidade, clarificando sobre as várias fases do desenvolvimento, para que consigam entender e compreender seus aspectos fugindo assim de cobranças de comportamentos ou pensamentos que não são inerentes a idade. Terapeuticamente a psicopedagogia necessita identificar, estudar, organizar, interferir mediante as etapas de diagnóstico e tratamento.

Este campo de atuação pode também favorecer aos profissionais o estudo do processo de aprendizagem do ponto de vista do indivíduo que aprende e da escola que ensina no que cabe o seu transcurso normal ou com impedimentos em ajudar no processo de crescimento dos processos de aprendizagem e ajudar no que tange quaisquer obstáculos relacionados ao rendimento escolar, também é do campo da psicopedagogia, tal como de educadores em geral.

Ter sabedoria de como o educando forma seu conhecimento, entender as concepções das interações com a instituição escolar, com os professores, com o currículo e relacioná-los as características afetivas e intelectuais, ajuda numa atuação mais concreta e eficaz. De acordo com Bossa (1994)

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam

repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem. (BOSSA, 1994, p. 23)

Quando um aluno apresenta problemas durante o processo de aprendizagem quando entra na escola, estes podem se transformar em dificuldades de aprendizagem, que afligiram o rendimento no que se refere à sua concepção e implicações. As dificuldades de aprendizagem podem decorrer, de acordo com Bossa (1994):

Da combinação de déficit de processamento fonológico, visual ou auditivas, com consequências ao nível da reclamada ou da recuperação de dados de informação, que se tornam lentas e pouco automatizadas. Estes déficits podem expressar-se em dificuldades na aquisição da leitura, da escrita, do ditado, da resolução de problemas, entre outros. (BOSSA, p. 1994, p. 23)

Todas as estas dificuldades, de acordo com Fonseca & Oliveira (2009) podem levar a um comportamento impelente, sem coerência, sem planificação, fracionado e inadequado que pode ocasionar dificuldades no aproveitamento acadêmico e no convívio social. O educador como mediador do processo de ensino e aprendizagem, necessita ser interventor na solução de problemas e realizar um trabalho consciente, que possibilite a aprendizagem.

4. O TRABALHO E A INTERVENÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NA ESCOLA

O trabalho do Psicopedagogo na instituição objetiva fortificar a identidade, tal como procurar o resgate das raízes dessa organização, ao mesmo tempo em que busca sintonizá-la com a realidade que está sendo experimentada na fase histórica moderna, procurando adaptar essa instituição às reais demandas da sociedade. No decorrer de todo o processo educativo, deve-se buscar investir numa concepção de ensino-aprendizagem que:

Fomente interações interpessoais; Incentive os sujeitos da ação educativa a atuarem considerando integralmente as bagagens intelectuais e moral; Estimule a postura transformadora de toda a comunidade educativa para, de fato, inovar a prática escolar; contextualizando-a; Enfatize o essencial: conceitos e conteúdos estruturantes, com significado relevante, de acordo com a demanda em questão; Oriente e interaja com o corpo docente no sentido de desenvolver mais o raciocínio do aluno, ajudando-o a aprender a pensar e a estabelecer relações entre os diversos conteúdos trabalhados; Reforce a parceria entre escola e família; Lance as bases para a orientação do aluno na construção de seu projeto de vida, com clareza de raciocínio e equilíbrio; Incentive a implementação de projetos que estimulem a autonomia de professores e alunos; Atue junto ao corpo docente para que se conscientize de sua posição de “eterno aprendiz”, de sua importância e envolvimento no processo de aprendizagem, com ênfase na avaliação do aluno, evitando mecanismos menores de seleção, que dirigem apenas ao vestibular e não à vida. (BOSSA, 2000, p. 129)

Com toda certeza, ao se desejar contribuir para a transformação de uma sociedade que ajude as condições de vida de grande parte da humanidade, nossos educandos necessitam ser eficientes em olhar esse mundo real onde se deve ser interpretados, decifrados e dentro dele possuir condições de intervir com segurança e habilidade.

Em sua obra “A Psicopedagogia no Brasil – Contribuições a Partir da Prática”, Bossa (2000) expõe a expressão prevenção como referente ao comportamento do profissional no que tange se adaptar as condições de aprendizagem de maneira a impedir comprometimentos nesse processo, partindo do sensato estudo dos elementos que podem oferecer como dos que possui chances de prejudicar o processo de aprendizagem, a Psicopedagogia Institucional escolhe a metodologia e/ou a maneira de intervenção com o objetivo de ajudar e/ou libertar tal procedimento, o que vem ser seu papel precípua, contribuindo, desta forma, na preparação das gerações para sobrevir integralmente à complexidade, particular da época. Sabe-se que o educando nos dias atuais, deseja que sua escola considere a sua realidade e o qualifique para encarar os desafios que a vida social expõe, assim, não aceita ser educado com modelos já obsoletos e arcaicos.

A psicopedagogia trabalha e estuda a aprendizagem, o sujeito que aprende aquilo que ele está apontando como a escola em seu conteúdo sociocultural. É uma área das Ciências Humanas que se dedica ao estudo dos processos de aprendizagem. Podemos hoje afirmar que a Psicopedagogia é um espaço transdisciplinar, pois se constitui a partir de uma nova compreensão acerca da complexidade dos processos de aprendizagem e, dentro desta perspectiva, das suas deficiências. (FABRICIO, 2000, p. 35).

Nasceu das necessidades de melhor entendimento do processo de aprendizagem, comprometida com a mudança da realidade escolar, na medida em que ajuda, frente exercício, estudo e prática reflexiva, vencer os obstáculos que se entepõem ao total domínio dos instrumentos importantes à leitura de sociedade e trabalho coerente com a transformação e desenvolvimento da humanidade, ajudando, desta forma, para mudar a instituição escolar extemporânea, que não esta conseguindo conduzir o educando que chega a ela, em instituição escolar moderna, eficiente ao lidar com os modelos que os educandos trazem e de se contradizer à cultura de massas dominante, dialogando com esta cultura.

4.1. A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO FRACASSO ESCOLAR

Para Bossa (2002), a reflexão do fracasso escolar surgiu no século XIX com a obrigação escolar advindas das transformações econômicas e estruturais da sociedade. Entretanto, vale destacar que no período que antecede este século, já existiam crianças que não conseguiam aprender, mas não eram reconhecidas como tal.

Durante muito tempo o fracasso escolar era considerado simplesmente uma ausência de condição do educando em absorver conhecimento, sendo apenas de sua responsabilidade, entretanto, no decorrer do tempo constatou-se que este problema também era de responsabilidade da sociedade e essencialmente da escola que não pode favorecer a exclusão social.

Se baseando em todo este contexto educacional do país atualmente, fica nítido afirmar que se deve repensar a prática educativa e partir do pressuposto que o fracasso escolar não é uma obrigação apenas do educando, mas também da instituição escolar, família e de todos que estão comprometidos com o processo de ensino e aprendizagem. Se aceitar o fato de ser diferentes, tem-se que se atentar para a necessidade de se edificar práticas pedagógicas que valorizem e aproveitem todas as experiências e conhecimentos construídos pelo educando no seu trajeto escolar.

Nos dias atuais, diversas pesquisas têm sido construídas na procura de entender a frustração escolar na alfabetização tendo visando as dificuldades que a leitura e a escrita expõem à educação. (PATTO, 1996; SCOZ, 1994). Tais pesquisas mostram a existência de barreiras no processo de ensino-aprendizagem da linguagem no primeiro ano, isto é, dificuldades inerentes à alfabetização, pois é no primeiro ano que frequentemente acontece na alfabetização.

O aluno chega à instituição escolar com um amplo número de experiências, de aprendizagens que são invisíveis para o professor, já que mesmo antes de entrar na escola a criança já tem diversas experiências que poderiam servir como ponto inicial das atividades do educador. A criança, mesmo não identificando os símbolos do alfabeto, já “lê” o seu espaço, criando relações entre significante e significado. A instituição escolar precisa dar continuação a esse processo proteger a livre expressão do aluno, pois com isso o aluno encarará com mais tranquilidade a ampla aventura do primeiro ano escolar: leitura e escrita.

Neste contexto, é preciso que os professores possuam conhecimentos que lhes propiciem a compreensão de sua prática e os recursos necessários para possibilitar o progresso e o sucesso dos educandos. Uma das formas de se chegar a isso é mediante as contribuições que a Psicopedagogia dispõe, pois é a que estuda e trabalha com o processo da aprendizagem

e com as dificuldades que delas decorrem. Seu novo pensamento vem sendo, exposto pela Psicopedagogia e vem ganhando espaço nos processos educacionais brasileiros, acordando o interesse dos profissionais que trabalham nas instituições escolares e procuram subsídios para a sua prática.

4.2. O PSICOPEDAGOGO E OS ASPECTOS DA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

Nota-se que nas salas de aula, que grande parte dos professores não estão preparados seja no campo científico, político ou metodológico, na verdade eles apenas se preocupam em repassar o conteúdo, e que o educando aprenda o que foi falado por ele.

Ao se considerar a aprendizagem baseado nos elementos cognitivos e dos sentimentos, fazem-se utilização dos sentimentos envolvidos na interação professor-aluno e como o sistema de ensino é concretizado em função dessa interação. Se o educador não se preocupar com a aprendizagem do aluno, no término do ano ele não possuirá um avanço positivo. Refletir sobre a relação professor/aluno, de acordo com Luckesi (1994) é:

É falar de relações humanas, é falar de alegria e da angústia do outro e até da falta de interesse por parte do aluno e suas respectivas dificuldades. Cada um tem uma história diferente, uma linguagem diferente, uma maneira diferente, um incentivo diferente, esses elementos foram construídos pelas múltiplas relações da realidade. (LUCKESI, 1994, p. 117)

Ainda de acordo com Luckesi (1994, p. 117) o educando “[...] é um sujeito ativo que, pela ação, ao mesmo tempo se constrói e se aliena. Ele é um membro da sociedade como qualquer outro sujeito, tendo caracteres de atividade, sociabilidade, historicidade, praticidade”.

No processo de aprendizagem, o aluno busca uma nova determinação no que tange o patamar crítico da cultura planejada. Isto é, é um sujeito que procura aprender um novo patamar de saberes, capacidades e formas de agir. Porém, o próprio educando não tem esse pensamento e por diversas vezes acaba se angustiando dentro da escola porque ao chegar ali, leva de casa a auto definição e autoestima mediante as interações que cria com os familiares ou sujeitos de seu convívio. O educador, dentro de sala de aula, de acordo com Luckesi (1994):

Não pode destruir essa relação. O educando não pode ser considerado, pura e simplesmente, como massa a ser informada, mas sim como sujeito, capaz de construir a si mesmo, desenvolvendo seus sentidos, entendimentos e inteligências, a educação escolar não pode exigir uma ruptura com a condição existente sem suprir seus elementos. Há uma continuidade dos elementos anteriores e, ao mesmo tempo uma ruptura, formando o novo. O que o aluno traz de seu meio familiar e social não deve ser suprimido bruscamente, mas sim incorporado às novas descobertas da escola. (LUCKESI, 1994, p. 117)

Segundo Bossa (2000, p. 14) “é comum, na literatura, os professores serem acusados de si isentarem de sua culpa e responsabilizar o aluno ou sua família pelos problemas de aprendizagem”, porém existe um processo a ser visto, às vezes, as formas de ensinar devem ser mudadas, o carinho, o amor, a atenção, isto tudo influência muito na questão. Neste caso, o psicopedagogo busca avaliar a circunstância da maneira mais eficaz e proveitosa. Em sua avaliação, no primeiro encontro com o aluno e sua família, que é um elemento essencial, usa a “escuta psicopedagógica”, que ajudará a captar mediante o jogo, o silêncio, dos que tentam explicar a causa de não aprender.

Através do diagnóstico psicopedagógico, de acordo com Vygotsky (1988) podem-se reconhecer as razões que causam as dificuldades de aprendizagem, tendo como procedimentos pedagógicos provas operatórias e materiais pedagógicos em geral.

Libâneo (1998) salienta também que a vida moderna prejudica as práticas de convívio humano, isto é, com o crescimento dos meios de comunicação mexem de forma direta com o trabalho do educador, uma vez que os próprios educandos carregam no seu dia a dia, a rua, a cidade, a televisão e as dificuldades para a sala de aula. Desta maneira, o educador necessita estar treinado para trabalhar estas diversidades, buscando reciclar seu conhecimento, revendo o dia a dia e refletindo de forma crítica a realidade, procurando os elementos envolvidos. Cada criança expõe-se como um ser único, com habilidades, limitações, motivações, capacidades e comportamentos característicos. Frente a esse universo de diversidades próprias do ser humano, que o educador acha em sala de aula, a intervenção psicopedagógica é essencial, pois em grande parte das vezes, o educador não possui o conhecimento importante para analisar cada criança na sua particularidade, essencialmente por ser grande o número de alunos que em grande parte das vezes apresentam dificuldades.

De acordo com Fernández (1991)

Para resolver o fracasso escolar necessitamos recorrer principalmente ao plano de prevenção nas escolas batalhar para que o professor possa ensinar com prazer para que, com isso, seu aluno possa aprender com prazer, tende a denunciar a violência

encoberta e aberta, instalada no sistema Educativo, em outros objetivos. (FERNÁNDEZ, 1991, p.81-82).

Com o diagnóstico o psicopedagogo e a instituição escola, precisam direcionar o ensino não para as fases intelectuais já concretizadas, mas sim para os períodos de desenvolvimento ainda não conquistados pelos educandos, mais já começados no seu processo de desenvolvimento. Desta maneira, o psicopedagogo será edificador da ponte entre o que o educando sabe e o que ele pode e necessita aprender. Nesse trajeto, é preciso observar sempre as chances das crianças e o grau de desenvolvimento potencial de cada uma nessa expectativa, o processo de ensino e aprendizagem na instituição escolar será formado a partir do grau de desenvolvimento real da criança, num certo momento, relacionado a um dado conteúdo curricular a ser ampliado, visando os objetivos e as metas criadas pela escola, educador e até mesmo pelo psicopedagogo, para aquele ano escolar e para cada aluno atendido.

De acordo com Vygotsky (1988)

A aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar e esta nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história. E a partir desse pressuposto que os professores devem ressignificar sua prática docente, pois ela precisa ser concreta, consciente, atual e transformadora, elaborando vínculos afetivos com o ser aprendente, mesmo que não se deseje aprender naquele momento, por alguma circunstância. E se persistirem tais resistências, a frustração, em função do não alcance dos objetivos devem ser banidos, pois, o trabalho é conjunto, e talvez seja o momento de compartilhá-lo com outro profissional especializado, pois como se viu a psicopedagogia trabalha concomitantemente com a aprendizagem e o desenvolvimento do seu processo. (VYGOTSKY, 1988, p. 126)

4.3. A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA JUNTO À FAMÍLIA

Na construção do sujeito, a família desenvolve uma função essencial, pois desde quando nasce a criança começa a se relacionar com os indivíduos com os quais convive, e aos poucos vão aprendendo a interagir e absorvendo características parecidas às desses sujeitos. Essas características irão manipular no desenvolvimento cognitivo e psicológico, por toda a vida, mesmo passando por continuas mudanças e adequações dependendo do meio em que se relacionar posteriormente.

A criança sofre mudanças do meio em que habita e quando cresce, tende a possuir uma vida social mais ampla, como na instituição escolar por exemplo, e nessa experiência,

descobrirá coisas diferentes, conviverá com sujeitos diferentes das quais se esta acostumada, nascendo novidades que também induzirá no seu desenvolvimento pessoal

De acordo com Coll et al (1995, p. 251), a família, essencialmente durante o período escolar, precisaria educar as crianças em um espaço democrático: “[...] são os estilos educativos democráticos, por sua judiciosa combinação de controle, afeto, comunicação e exigências de maturidade, os que propiciam um melhor desenvolvimento da criança”. Se a criança não possuir um alicerce concreto na família, com uma educação democrática, amorosa, crítica de comportamentos positivos, os aspectos pessoais podem ter mudanças radicais, direcionando a mesma às maus ou bons comportamentos.

Os pais necessitam dar o suporte real para que a escola consiga fazer a sua parte e fazer com que a sociedade, de uma forma geral, fique satisfeita com os resultados conquistados com essa parceria.

Na educação, a instituição escolar teve uma função essencial, e hoje, além do papel de ensinar para a cidadania e para o trabalho, necessita também repassar os valores essenciais para a vida do sujeito, sendo que essa função também precisaria ser de responsabilidade da família.

No decorrer do tempo, foram sendo concedidos mais papéis às escolas, essencialmente pela ingerência econômica, social e política e, de acordo com Libâneo (2003, p. 139) “a revolução de 1930 representou a consolidação do capitalismo industrial no Brasil e foi determinante para o conseqüente aparecimento de novas exigências educacionais”.

A intervenção psicopedagógica direcionada também à família conseguirá auxiliar no real conhecimento delas, caso não estejam nítidas ou forem apenas moderadamente entendidas, construindo a chance de entendimento do outro, a adaptação de funções e de limites.

Desta forma, o trabalho psicopedagógico necessita do especialista uma real compreensão de si, de forma a não se deixar levar pelos próprios princípios no decorrer da intervenção. De tal forma, que o reconhecimento de uma dificuldade de aprendizagem e a intervenção mais correta para solucioná-la será resultado da bagagem cultural que ele carrega consigo e que intervirá na sua habilidade de observação e estudo de cada situação. Também seu comportamento frente à aprendizagem terá ampla ingerência sobre o trabalho com a família e na chance de seus componentes ressignificarem e terem segurança em suas funções de docente e discente.

O trabalho psicopedagógico, ainda como protetora e moderadora das interações, repercutirá em envolvimento na conservação de um processo familiar como uma saudável movimentação do conhecimento, ajudando no equilíbrio de poder entre seus componentes, nítida na definição de funções e limites. Portanto, a intervenção psicopedagógica procurará não se delimitar ao entendimento da dificuldade, mas à absorção de novos hábitos que levem à superação.

5. CONSIDERAÇÕES

A Psicopedagogia ajuda de maneira significativa com todos os comprometidos no processo de aprendizagem, pois desenvolve um trabalho de maneira multidisciplinar numa ótica sistêmica. Assim, o objetivo exposto neste artigo fortalece o pensamento que se deve desenvolver uma prática docente em parceria, em equipe, onde todos necessitam ter um olhar e escutar o sujeito da aprendizagem. Não tem como refletir sobre este trabalho e buscar constantemente agregar valores a formação, ressignificando conteúdos e adotar novos comportamentos avaliativos, se não compreender o ser que se educa e a ampla responsabilidade que é cooperar da sua formação com grandes conquistas.

As dificuldades de aprendizagem formam uma situação real no interior das escolas, assim, é preciso que todos os incluídos no processo de ensino e aprendizagem sejam leitores e pesquisadores de dificuldades de aprendizagem para que o consiga ajuda-los a compreender melhor como acontece a ingerência desses fatores intra e extras escolares e como podem ser aprimorados de maneira a diminuir as dificuldades de aprendizagem, no cotidiano da escola, que essas dificuldades ora estão no professor, ora estão no educando, ora nos familiares ou no espaço a qual o aluno se insere.

Assim, é muito relevante o trabalho do psicopedagogo, sabendo sobre essa análise, ter um pensamento, para saber qual a melhor maneira de intervenção precisa para se trabalhar com essas dificuldades, utilizando os recursos e recorrendo a diversos procedimentos como até solicitando ajuda aos demais profissionais que trabalham com esses tipos de dificuldades educacionais, desta maneira objetivando auxiliar a criança a vencer as dificuldades.

Para que o educando com dificuldades de aprendizagem ganhe uma educação satisfatória as suas necessidades, para além dos profissionais e pais, da correta formação dos educadores e dos agentes educacionais, precisa ter em conta que a definição de dificuldade de

aprendizagem não envolve apenas o reconhecimento do direito que assessora o educando de frequentar uma instituição regular de ensino, pois, caso as práticas educacionais se resumam apenas à sua inserção na escola, sem nenhuma forma de serviços especiais, tais ações resultam mentirosas e irresponsáveis.

É preciso que o psicopedagogo mude à sua maneira de conceber o processo de ensino e aprendizagem. Ele não vem a ser um processo sequenciado e constante que se direciona a uma única direção, mas, sim, multifacetado, retratando saltos, parados e mudanças bruscas. Crer que a dificuldade de aprendizagem é apenas responsabilidade do aluno, ou da família, ou apenas da escola é, pelo menos um comportamento ingênuo frente a grandiosidade que é a complexidade do aprender. Buscar e achar um corpo que admita a culpa do fracasso escolar dá a sensação de que tudo está solucionado. O comportamento do não aprender carrega em si o subtexto da queixa de que algo precisará ser realizado.

Espera-se que este trabalho sirva de eixo e foco para as futuras pesquisas que se associem com área e de sustentação para superar esses agravantes dentro das salas de aula, que vem acarretando debates e conflitos para melhorar o ensino onde o ensino não surja sem a interação da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. S. M. M. de. **Distúrbio e transtornos**. 13 dez. 2007. Disponível em <http://psicopedagogiabrasil.com.br/distúrbios.htm>. Acesso em 23 ago 2019.

BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

_____. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Artmed. São Paulo. 2002, p. 96-96.

COLL, C. PALACIOS, J. e MARCHESI, Á. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 vol. 3.

DANTAS, H. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FABRICIO, N. M. C. **Psicopedagogia Avanços Teóricos e Práticos**. São Paulo. Ed. ABPp, 2000.

FERNÁNDES, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.p 81/82.

FONSECA, V. & OLIVEIRA, J. **Aptidões psicomotoras e de aprendizagem - Estudo Comparativo e Correlativo com base na escala de McCarthy.** Lisboa: Âncora Editora, 2009.

GRIGORENKO, E. L. STERNBERG, R. J. **Crianças Rotuladas - O que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

LIBANEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos,** São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério 2º grau).

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia.** 4 reimpressão. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz Ltda., 1996.

RUBINSTEIN, E. **A Especificidade do diagnóstico Psicopedagógico.** In: Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar. Petrópolis: Vozes, 1996

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** 6 Ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 152p.

STRICK, C. e SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.

VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: USP, 1988.